

Richa: parlamentarismo só desagrada às elites

As elites estão incomodadas com o parlamentarismo porque sabem o que ele representa; já o povo não está a favor por não saber direito o que é. Com este argumento, o senador José Richa (PMDB-PR) defendeu ontem o sistema parlamentarista de governo durante o simpósio promovido pela Universidade de São Paulo denominado "Parlamentarismo ou presidencialismo?". Para o senador, "é mais fácil ter intimidação com o poder no sistema presidencialista. No parlamentarismo, não. Por isso as elites estão contra".

Também participante do encontro, o senador Jarbas Passarinho (PDS-PA), um presidencialista convicto, preferiu defender suas idéias destacando que os parlamentaristas "esquecem" o aspecto civil das rebeliões. "As crises também existiriam no parlamentarismo, que, por sua própria definição, provocaria novas eleições, aumentando a leva dos derrotados em torno dos quartéis", advertiu.

José Richa foi o primeiro político a falar no simpósio e debateu suas teses com os professores Eduardo Kugelmanns, Eva Blay e Maria Ermínia de Almeida. Durante a palestra, disse que o parlamentarismo significa principalmente a "descentralização do poder e transparência". "Com ele, não seria possível a construção da Ferrovia Norte-Sul porque os parlamentares não concordariam com isso." Richa argumentou que o parlamentarismo é sinônimo de responsabilidade na administração pública e a saída para a crise.

Assim, em sua opinião, a atual crise institucional é resultado de um Poder Executivo forte, um Legislativo fraco e um Judiciário impotente, "incapaz de vigiar o Executivo".

Ao comentar os trabalhos da Constituinte, Richa criticou a atuação do Centrão. Segundo ele, o grupo, "que se imaginava um movimento político com certa seriedade e importância, que queria apenas mudar o sistema de governo na Constituinte, acabou se transformando em um instrumento de satisfação dos desejos do atual governo, que pelas vias comuns não estava conseguindo introduzir". Sua conclusão é de que "os cinco anos de mandato para Sarney e o presidencialismo acabaram virando as principais bandeiras do Centrão". Mesmo assim, ele considera que a maioria dos integrantes do grupo demonstra boas intenções, o que o leva a prever a efetivação de um acordo sobre o mérito de questões fundamentais da Constituinte.

Ainda esta semana, Richa participará de uma reunião, em Brasília, com o que chamou de peemedebistas históricos, como Fernando Henrique Cardoso, Mário Covas e Franco Montoro. "Vamos discutir as contradições do PMDB para tentar salvar o partido e a democracia. Queremos salvar o PMDB; se ele implodir, corremos o risco de um retrocesso."

PASSARINHO

Em sua exposição, o senador Jarbas Passarinho criticou os que "enxergam apenas a presença militar do

golpismo brasileiro". Para ele, "são os políticos derrotados em eleições que vão aos quartéis buscar os homens de farda para suas revoltas ou rebeliões". O senador lamentou também a inexistência de partidos políticos fortes no Brasil, definindo as agremiações como "conglomerados de pessoas que, momentaneamente, compartilham a mesma forma de pensar, e não o conjunto de pessoas que pensam da mesma forma".

A "falta de complexidade da sociedade brasileira" é o principal ponto de defesa do senador para o presidencialismo, "que também não é o regime que vivemos". Pessoalmente, ele prefere um governo forte, "não autoritário, sem um poder imperial, mas debatendo sempre com um Congresso bicameral, em que o presidente seja o ponto de referência em todo o território nacional, mas tenha o contrapeso no Parlamento".

No regime ideal para o presidente do PDS, o Congresso possui as prerrogativas do poder, o presidente da República não tem a iniciativa de apresentar leis ao Congresso e os decretos-leis são utilizados apenas em caráter restrito, a burocracia é forte e o presidente não pode ser reeleito, para evitar o uso da máquina administrativa em sua campanha. "O presidencialismo dá estabilidade, pois nele o presidente não pode ser deposto."

O simpósio prossegue hoje na USP com as conferências dos deputados Roberto Freire (PCB) e Olívio Dutra (PT) e o ex-governador Franco Montoro.



Jarbas Passarinho

17/2/84

Passarinho diz que PDS terá candidato

O PDS vai ter candidato próprio à Presidência da República. Foi o que garantiu ontem o presidente nacional do partido, senador Jarbas Passarinho, certo de que o PDS está recuperando seu prestígio, devido ao "péssimo governo" do PMDB. O índice de rejeição do candidato pedessista nas últimas eleições presidenciais (indiretas), Paulo Maluf, não é tão alto quanto no ano passado, quando concorreu ao governo estadual.

Mas o PDS não tem um candidato "natural", como o PMDB, o PDT, ou o PT, por exemplo. Jarbas Passarinho admitiu que o deputado Delfim Neto, ex-ministro no regime militar, poderia ser um dos candidatos, assim como Paulo Maluf, que "tem sido um nome referencial" e "exerce uma liderança incontestante em São Paulo". Pelo menos Delfim já disse estar fora da disputa: gostaria de apoiar a candidatura de Antônio Ermírio de Moraes, que seria lançado por vários partidos.

Recebido por Salim Curiati, um dos eventuais candidatos à Prefeitura de São Paulo, Passarinho visitou o presidente da Assembléia Legislativa, Luiz Máximo (PMDB), e depois participou de uma reunião da bancada de seu partido. O senador se disse pessoalmente contrário a eleição para presidente em 1988 e até eleições gerais. Por motivos "técnicos", ele acha que não haverá tempo suficiente para que a sucessão de Sarney ocorra em 15 de novembro, pois não acredita na promulgação da Constituição antes de abril.

Passarinho responsabilizou o ex-ministro Dilson Funaro e o PMDB pela crise que o País atravessa. Para ele, atualmente o volume de corrupção é maior, além de o governo peemedebista ter os mesmos defeitos que os militares, sem suas "virtudes". O senador reconheceu que os governos de que participou eram autoritários, mas não constituíram, em momento algum, ditadura: "Ditadura mesmo eu peguei na época do Getúlio".

O presidente do PDS é de opinião que a Nova República é "um blefe" nunca visto no País. Segundo Passarinho, seria "muito bom" o PMDB lançar a candidatura de Dilson Funaro à Presidência. "Assim, teríamos muita coisa que conversar", disse ele, acusando Funaro de ter estragado a economia brasileira "por uma geração".



Marco Maciel

22/10/87

Lentidão desagrada a Maciel

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

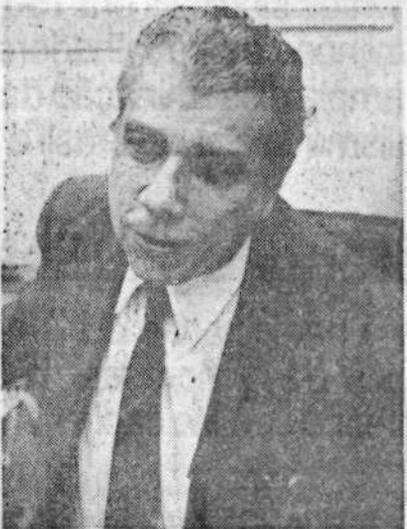
"Esta é a Constituinte mais longa de toda a história política brasileira e essa demora impacienta a sociedade e traz prejuízos ao País." Esta queixa foi feita pelo presidente do PFL, senador Marco Maciel, ontem, quando aproveitou para convocar a cúpula do partido para uma reunião, quarta-feira, com o objetivo de analisar a posição do PFL a respeito da protelação dos prazos na Constituinte.

Nesse encontro, os dirigentes liberais também debaterão propostas que poderão apresentar, no plenário da Constituinte, sobre temas polêmicos, um projeto econômico-social para o partido, a ser sugerido pelo economista Marcos Cintra de Albuquerque, e o pacote fiscal, a ser editado pelo presidente Sarney.

Apesar de ter dito que o atraso na promulgação da futura Constituição prejudica o Brasil, pois "se reflete na atividade econômico-social do País, além de em todo o ordenamento de sua sociedade", o senador pernambucano defende a idéia de que o PFL, sem dificultar a aceleração dos trabalhos da Constituinte, "deve definir posição unitária em relação à ordem econômica, social e principalmente política. Caso contrário, se não nos preocupássemos com os problemas políticos, seria o mesmo que reconhecer a falência dos partidos. Porque a crise brasileira é essencialmente política".

Para justificar sua posição, Maciel lembrou um estudo, feito há mais de 60 anos por Gilberto Amado, que revelou o quanto a sociedade e a economia estão em desajuste com o Estado. Devido a essa constatação é que, a seu ver, "antes de qualquer providência, deve-se modernizar as instituições políticas para que elas possam acompanhar as transformações econômico-sociais do Brasil".

Marco Maciel acha importante que o "PFL não apenas defina a forma de governo compatível com a sociedade e com a economia brasileira, mas também aponte o sistema eleitoral e o sistema partidário que com ele mais se identifique. Devemos ainda reduzir a interferência do Estado nas atividades sociais", finalizou.



Antônio Ermírio de Moraes

Sidney Corrallo

PTB e Delfim insistem em Ermírio

Embora Antônio Ermírio de Moraes tenha dito várias vezes que não pretende disputar mais nenhum cargo político, um grupo de petebistas, integrado principalmente por lideranças de bairro, ainda não desistiu de convencê-lo a mudar de idéia. Eles estão reunidos no Movimento dos Amigos de Ermírio, lançado oficialmente no sábado. E não estão sozinhos nessa cruzada: o deputado Delfim Neto, do PDS, também insiste ontem no nome de Antônio Ermírio como o candidato ideal para disputar a Presidência da República.

"A renovação da classe política passa pelo dr. Antônio", explica Marco Antônio Mastrobuono, ex-secretário do prefeito Jânio Quadros e candidato a candidato a sua sucessão. Segundo ele, o Movimento dos Amigos de Ermírio surgiu espontaneamente nas bases do PTB, onde o empresário ainda tem seguidores fiéis. "Finalmente, o dr. Antônio Ermírio não ganhou a eleição, mas venceu na Capital", lembra Mastrobuono.

O movimento, a princípio, pretende garantir maior espaço dos ermiristas na composição dos diretórios zonais da Capital, enfrentando a corrente que prefere um alinhamento com o governador Orestes Quércia. Só depois sairá às ruas. "Por enquanto, trabalhamos dentro do partido, mas pretendemos fazer uma grande mobilização, buscando apoio à candidatura de Antônio Ermírio a presidente", afirmou Mastrobuono. Se não houver eleições presidenciais no ano que vem, acrescenta, os "amigos de Ermírio" tentarão convencê-lo a candidatar-se a prefeito de São Paulo.

Delfim Neto também, quer ver Antônio Ermírio candidato a presidente. "Ele se constitui uma das poucas personalidades capazes de dar credibilidade ao governo, de dar confiança ao povo e a certeza de que vai executar um programa duro, mas que pode salvar o Brasil", afirmou. Delfim disse que nunca consultou o empresário para saber se é candidato, "como ninguém consulta um recrutado do Exército para saber se ele vai servir às Forças Armadas".